

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Miguel. *BRASIL: Uma Biografia*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRASIL: CICLOS ECONÔMICOS, HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS QUE COMPÕEM A EXTENSA BIOGRAFIA DE UM PAÍS

Thiago de Sousa BARROS *

A obra *BRASIL: Uma Biografia*, de Lilia Schwarcz – professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora do CNPq e *global scholar* na Universidade de Princeton, autora de livros importantes acerca da história brasileira como *O Sol do Brasil*, *D. João Carioca - história em quadrinhos sobre a chegada da Corte portuguesa ao Brasil*, *As Barbas do Imperador* e *O Espetáculo das Raças*, entre outros – e Heloisa Starling – professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais e autora de proeminentes publicações literárias também com foco na história do país, tais como: *Os Senhores das Gerais*, *Lembranças do Brasil* e *Uma Pátria para Todos* –, chama atenção do leitor, antes mesmo que este abra a capa e enverede pelas 694 páginas. Isto se deve ao tratamento dado pelas pesquisadoras ao Brasil, que no livro é retratado como um biografado, algo até então pouco comum para um país.

No sentido clássico, a biografia compreende o estudo ou a narração de fatos da vida de uma pessoa. No entanto, esta ousada abordagem adotada consolida-se como a grande virtude da obra, enfatizando a intenção das autoras: contar a trajetória desse personagem diverso, desigual (tão rico e ao mesmo tempo tão pobre), complexo e dicotômico aliando os fatos e feitos já retratados pelos tradicionais livros de história a aspectos relativos aos ciclos econômicos, à cultura e aos movimentos sociais, além de

*Mestre em Contabilidade e Finanças pela Universidade de Coimbra – Doutorando do Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas (Linha de Pesquisa em Finanças) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas–EAESP (FGV). Professor Assistente do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: tsousabarros@gmail.com

Data de aceite: 23 de março de 2017

retratar sutilezas do cotidiano deste importante biografado e de suas nuances ao longo desses cinco séculos.

Buscando inspiração na mistura de cores e costumes capazes de gerar um povo brasileiro mestiço, as pesquisadoras não seguiram uma simples linha reta que percorre a trajetória do Brasil nesses anos e procuraram alternar visões distintas, múltiplas e ambivalentes, avançar e recuar no tempo, esmiuçar de rotas marítimas a planos econômicos, sem deixar de citar um samba assaz disseminado em certo momento nos quatro cantos do país ou os eventos capazes de consolidar um costume até hoje vigente em solo tupiniquim, como, por exemplo, a apropriação indevida e criminosa de recursos públicos por políticos, algo que vigora firmemente no âmbito nacional.

Sustentado em dois ensaios basilares – a introdução e as considerações finais – nos quais as pesquisadoras descrevem a longa seara trilhada pela personagem BRASIL até a contemporaneidade e as principais características desse biografado com as quais o povo brasileiro tem convivido ao longo de todo o percurso de sua história. Emergem também na obra a dualidade que marca a identidade nacional, havendo de um lado o imaginário – um lugar de vasta natureza e clima agradável, habitado por pessoas trabalhadoras, alegres, honestas e hospitaleiras – e a realidade – permeada de violência, preconceito, discriminação, racismo velado e corrupção. Trazer essas contradições para a obra, ao invés de tentar ignorá-las ou resolvê-las, é outra importante contribuição, quiçá a mais significativa, deste livro.

No primeiro capítulo, Schwarcz e Starling discorrem sobre a América pré-colonização e acerca do processo de descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral: os relatos em que Pero Vaz relata o que viu “a feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura” (p.29), a escolha do nome do biografado por seus descobridores e a relação com os índios, que constituíam um contingente de novas pessoas a serem catequizadas ou escravizadas.

Já no capítulo 2, *Tão Doce Como Amarga: A Civilização do Açúcar*, as autoras mergulham no Ciclo do Açúcar ocorrido no nordeste brasileiro e citam de Padre Antônio Vieira a Gilberto Freyre. Inicialmente, este capítulo apresenta a história do açúcar (as primeiras referências à cana datam de 8.000 anos a.C. e são oriundas da

Nova-Guiné) e as iniciativas de plantio de cana por Portugal em suas colônias (Açores, Cabo Verde e São Tomé). Em seguida, percorre um longo período de tempo e aborda a decisão de trazer a cana para o Brasil por volta de 1516, as disputas por mão de obra, as lutas travadas com Holanda e França, o triste e duradouro período de trabalho escravo, a formação de vilas e cidades, a casa-grande e a senzala, os atributos econômicos por trás do “negócio-cana”. “O doce da cana se fez às custas do travo da escravidão. (...) Amargo açúcar, ardida doçura” (p.78).

Tomando este fio condutor teórico, as pesquisadoras detalharam nos próximos capítulos, com precisão, vivacidade e uma gama de fatos relegados a um segundo plano por outros clássicos livros da grande história, o sistema escravocrata, a banalização do uso da violência, o tráfico negreiro (os locais de origem dos negros vivos, a produtividade, a demanda por este tipo de mão-de-obra, as altas taxas de mortalidade e os investimentos realizados) e os quilombos. Até que ocorrem as rebeliões e insurreições dos povos negros, sendo Palmares um píncaro desses movimentos de rebeldia. Salta aos olhos a riqueza de detalhes e vastidão de fatos que as investigadoras reuniram e condensaram num só capítulo.

Chega ao fim o século XVII e emerge a crise financeira da Coroa Portuguesa, em função dos altos custos de administração do Império. Assim inicia o quarto capítulo dessa obra literária, que avança nesta seara e adentra no Ciclo do Ouro, pois Portugal persistiu na busca por metais preciosos, uma fonte de enriquecimento rápido e que a Espanha já explorava com sucesso na América, e, apesar de demorar quase dois séculos, acabou conseguindo. A esta altura Minas Gerais alcança destaque no texto e Vila Rica do Ouro Preto ganham o centro da trama, não se restringindo à extração do ouro propriamente dito, mas estendendo a análise também aos poetas da capitania (em especial Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto e suas poesias bucólicas), o barroco mineiro e os traços arquitetônicos da região (com ênfase para Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e Manuel da Costa Ataíde), e as manifestações religiosas (com destaque para as procissões).

Os próximos capítulos vertem sobre as revoltas, conjurações, motins e sedições vivenciados no norte, sul, sudeste e nordeste do paraíso dos trópicos (sendo a Conjuração Mineira o movimento anticolonial mais relevante da América Portuguesa),

a chegada da coroa portuguesa ao Brasil, uma vez que a corte se lançou ao mar (narrando os passos dessa mudança radical da família real), o Império Americano de D. João (o entusiasmo inicial, as reformas às pressas no Rio de Janeiro para se tornar sede imperial, as mobílias, o governo em solo brasileiro, o casamento de D. Pedro e as festividades), o retorno de D. João e o Fico do filho D. Pedro, todo o contexto nacional sendo amarrado com os fatos que se passavam na Europa.

Cumprir assinalar que ao longo do livro não existe nenhum debate específico sobre assuntos econômicos, uma vez que são apresentados de maneira justaposta ao contexto histórico, social e cultural. Todavia, em certos trechos, as autoras lançam luz aos aspectos da alçada econômica e demonstram, por exemplo, a piora da situação fiscal brasileira para atender as proezas da Família Real, ocasionando aumento de impostos e crescimento do Estado para financiar tais proezas:

Para sustentar a presença e o aparato da corte, das repartições e dos funcionários da administração, os habitantes da terra tiveram que pagar um bom preço. A metade do dinheiro circulante em Portugal e os 80 milhões de cruzados em ouro e diamantes que vieram nos baús da família real não deram nem para o começo. O próprio Banco do Brasil quase que apenas custeava a despesa real, os tribunais, as pensões e soldos. Os encargos eram pesados e a insatisfação popular crescia. Para piorar, não dava para esconder o desperdício praticado na casa real (...). Só no ano de 1818 consumiram-se no Paço, por dia, 620 aves. Se o Brasil lucrava politicamente com a transladação da corte, o preço interno era alto. Os impostos subiam, ao mesmo tempo que a máquina se agigantava (p.184-85).

A história segue seu percurso: independência e primeiro reinado, constituição de 1824 e nova independência em 1831, as regências e revoltas, o segundo reinado e as idiosincrasias da corte, o fim da monarquia e a abolição da escravatura no Brasil, a primeira república – recheada de símbolos e “café com leite”; a chegada dos imigrantes e o crescimento das cidades; a Semana de Arte Moderna de 1922 com suas antropofagias e os excluídos pós-abolição – e a gênese do Brasil moderno feito de samba, malandragem e autoritarismo.

Schwarcz e Starling citam a importância das obras literárias produzidas por Gilberto Freyre (com Casa-Grande & Senzala) e Sérgio Buarque de Holanda (com Raízes do Brasil), e publicadas ainda na década de 1930, como riquíssimas

interpretações do Brasil. Soma-se aos dois, na visão das escritoras, Caio Prado Jr. com seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, publicado na década de 1940, e que também constitui um esforço fundamental para compreender a construção desse país tropical.

Getúlio morre e adentramos nos anos de 1950-1960, tendo a democracia como grande trunfo. Surge a bossa nova, com toda sua riqueza musical, e o Plano de Metas – com a utopia de JK de 50 anos em 5, o que deixou várias consequências para a sociedade brasileira.

Vale aduzir, neste diapasão, a capacidade das autoras de unir distintas visões em torno de um mesmo contexto. Um exemplo proeminente é quando elas fazem menção ao jovem cineasta Nelson Pereira dos Santos que, em 1955, encontrou a forma de levar para dentro de um filme a cruel realidade de um Brasil pobre e detentor de largo fosso de desigualdades sociais, levando para a linguagem cinematográfica a tese de Celso Furtado: pôr em evidência o lugar do subdesenvolvimento brasileiro para melhor enfrentá-lo.

Mesmo não aprofundando no debate entre desenvolvimentistas e liberais, em especial neste período JK, momento tão essencial para o processo de industrialização nacional, as escritoras deixam escapar um pouco de suas impressões pessoais. Uma passagem da obra poderia ilustrar tal fato, quando o livro de memórias de Roberto Campos, *A Lanterna na Popa*, é citado e Campos é designado como um “devoto do capital internacional”.

Apesar dessa carência de um mergulho que avance nas entranhas dessas díspares visões econômicas, Schwarcz e Starling costuram o contexto histórico com contornos sutis que acabam por trazer à tona os grandes pensadores da economia brasileira da época. No que tange o Governo de Juscelino Kubitschek, por exemplo, as autoras rememoram frases de Roberto Campos, pois segundo ele JK “só queria saber ‘onde está a fábrica’ e não ‘onde mora o acionista’” (p.422). Em lado oposto, relembra também a sentença proferida por Caio Prado Jr. de que “jamais houve no Brasil um governo mais entreguista que o do Sr. Juscelino Kubitschek” (p.422).

Chega o Golpe de 1964 e a ditadura toma o poder, tornando-se, como bem apregoa as duas escritoras, uma verdadeira “máquina de matar gente” (p.459). As

canções de protesto, a efervescência cultural e os dados completos dessa repressão terrível estão profundamente documentados nas páginas desse capítulo, até que se chega “No caminho da democracia: a transição para o poder civil e as ambiguidades e heranças da ditadura militar” (p.467).

A luta pela liberdade, os caras pintadas, a morte de Tancredo Neves, a inflação galopante no período Sarney, a controversa eleição de Fernando Collor de Mello e seu impeachment *a posteriori*, a posse de Itamar Franco, o Plano Real, a consolidação econômica brasileira e o Governo de Fernando Henrique Cardoso são as tintas que compõem a paleta final do último capítulo, uma tela espectral recheada de análises, descrições e contraposição de ideias, um discurso digno de uma biografia brasileira.

As próprias pesquisadoras, professoras e autoras dessa obra literária destacam que a proximidade com os Governos Lula e Dilma ainda não permitem uma análise sóbria e lata desses períodos, uma vez que na história isso é uma premissa fundamental. Ademais, nota-se que o Brasil evoluiu nos últimos anos, aumentando a indignação com atos de corrupção e pessoas decididas a irem às ruas para manifestar, apesar de eventos como a corrupção simbolizarem um traço dessa longa história do país no que tange à falta de discernimento quanto a “res publica” (expressão original latina), uma vez que ainda não distinguem com precisão o que é público, do povo, e o que é privado, o que permite, por exemplo, o patrimonialismo e o clientelismo tão presentes na nossa sociedade.

Em algum momento do livro, Schwarcz e Starling relembram Lima Barreto: “*Tenazmente ficamos a viver, esperando, esperando. O quê? O imprevisto, o que pode acontecer amanhã ou depois; quem sabe a sorte grande, ou um tesouro descoberto no quintal?*” (p.16). Em face disso, insta propalar que apesar das conquistas recentes, nota-se muita injustiça social e miséria no país, o que demonstra que ainda temos um longo caminho para percorrer (principalmente nas esferas econômica, política e social). Que a nossa democracia permaneça de pé e tenhamos um futuro bom, assim encerram as autoras, aguardando as próximas páginas da história, que já estão sendo escritas por nós, desde já.